



REFLEXÕES SOBRE A CARTA DE EPICURO A MENECEU: FELICIDADE COMO BEM AVENTURANÇA

ÁGABO BORGES DE SOUSA¹

RESUMO: Um dos temas mais importantes da Carta de Epicuro a Meneceu é a felicidade. Epicuro discute este tema ressaltando várias expressões, que não vemos claramente refletida nas traduções; por isso, faz-se necessário apresentar e discutir a compreensão de felicidade dessa carta, com base nesta diversidade expressões usadas por Epicuro. Para tanto, buscamos apresentar o ponto de partida de Epicuro, para entender sua proposta de caminho para a felicidade. Epicuro parte de uma comparação da existência humana com a vida dos deuses, mostrando a bem aventurança desses. Considerando que sua filosofia é um caminho para uma vida feliz, destaca-se seu caráter prático, como uma forma de chegar à vida bem aventurada, que, em sua compreensão, é o ponto mais alto da existência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro. Carta a Meneceu. Felicidade.

ABSTRACT: One of the most important themes in the Letter from Epicurus to Menoeceus is happiness. Epicurus discusses this theme, emphasizing several expressions, which we do not see clearly reflected in the translations; therefore, it is necessary to present and discuss the understanding of happiness in this letter, based on this diversity of expressions used by Epicurus. We seek to present Epicurus' starting point, to understand his proposal of the path to happiness. Epicurus starts from a comparison of human existence with the life of the gods, showing their bliss. Considering that his philosophy is a path to a happy life, his practical character stands out as a way of reaching a blissful life, which, in his understanding, is the highest point of human existence.

KEYWORDS: Epicurus. Letter to Menoeceus. Happiness.

I - A importância da carta a Meneceu no contexto da literatura de Epicuro

O helenismo foi um período de grandes influências para o pensamento grego, conseqüentemente ocidental. O final da *polis* grega e sua democracia local deram lugar a um poder imperial, cujo marco foi o expansionismo de Alexandre Magno, que espalhou seu império pelo oriente, tornando-se uma grandeza quase inatingível. Com isso, os ideais políticos e éticos tomaram uma nova proporção e, conseqüentemente, a questão do “ideal de felicidade” recebeu uma nova roupagem, especialmente porque as correntes helenísticas, sobretudo o

¹ Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel. E-mail: dr_agabo@uefs.br.

Epicurismo e o Estoicismo, estabeleceram suas práticas reflexivas e de compreensão de mundo a partir de uma proposta de *modus vivendi*. A distância estabelecida pela expansão do império helenístico se tornou o ambiente propício para uma nova forma de pensar a filosofia e estruturar as escolas, que, no caso de Epicuro, formou uma comunidade de vivência, chamada de Jardim.

Para Epicuro o ideal filosófico era a “saúde da alma” (ψυχῆ), sendo a felicidade (εὐδαιμονία) o bem último do ser humano, pois “tudo fazemos para alcançá-la”.

Neste sentido, o tema da felicidade, como veremos ao longo deste texto, é central na proposta filosófica do epicurismo. Por isso a Carta a Meneceu se torna um dos principais textos da filosofia epicurista, pois é esta carta que trabalha o tema da felicidade de maneira direta e sistêmica, como sendo a “vida feliz” o objetivo final (*telos*) do fazer filosófico, mostrando o caminho a trilhar para este fim.. As demais cartas, como a *Carta a Pítocles* e a *Carta a Heródoto*, ventilam o tema da felicidade, considerando ser o ideal do sábio filósofo, mas se voltam a outras questões; o mesmo vai acontecer com as *Máximas Capitais* e a coletânea de *Fragmentos*, como as *Sentenças Vaticanas* e os outros fragmentos, alguns destes de localização conhecida.

Diogenes Laertius (DL) começa a apresentação do “corpus epicurista” dizendo:

Epicuro foi o autor dos mais prolíficos, superando a todos no número de livros: existem, efetivamente, perto de 300 rolos, sem nenhuma citação de outro autor, trata-se de discurso do próprio Epicuro. (DL,X,26)

Diogenes Laertius destaca alguns textos que se tornaram a base para nossa compreensão da filosofia de Epicuro.

As perspectivas apresentadas nessas obras, me esforçarei em expor, citando três de suas cartas, nas quais ele resumiu todo o seu sistema (filosofia). Acrescentaremos também suas *Máximas Principais* e qualquer outro enunciado dele que valha a pena citar, para que você esteja em condições de estudar o filósofo em todos os lados e saber como julgá-lo.

A primeira carta é endereçada a Heródoto e tem por objeto as realidades físicas; a segunda é escrita para Pítocles e trata dos fenômenos meteorológicos; a terceira é escrita para Meneceu e trata dos modos de vida. (D.L.,X,29)

Nos interessa neste artigo a terceira carta, que trata dos modos de vida que devem levar a felicidade, pois é ela que trata dos caminhos para a vida feliz ou bem aventurada, cuja compreensão pretendemos discutir neste texto.

Lorencini e Carratore (EPICURO, 2020) dividem a carta em quatro tópicos, sendo o primeiro a crença na existência dos deuses; o segundo, a morte como o mais aterrador dos males; o terceiro, as várias modalidades de desejos e, por fim, o quarto, o homem sábio. Entendo

que esta divisão desconsidera temas importantes para a compreensão da sistemática da carta, pois ela pretende orientar o cuidado das coisas que fazem a felicidade, como destaca Epicuro logo no início da carta.

Assim propomos uma sistematização, que atenda este caminho proposto pelo próprio autor. Assim, entendemos que a carta está sistematizada em uma introdução, oito temas e uma conclusão, que estão interligados em uma construção que vai em direção à compreensão da vida bem aventurada. A introdução mostra que dedicar-se à filosofia leva à vida bem aventurada e passa para o (1) tema dos deuses; depois para (2) o problema da morte; seguido pela (3) questão do viver; depois ele (4) fala do destino; passando para (5) a compreensão de desejos e prazer; ele fala, a seguir, (6) da autossuficiência ou autarquia; depois, (7) fala sobre a simplicidade da vida; por fim (8) a questão da prudência como sabedoria; a conclusão fecha a questão do sábio que alcança a vida bem aventurada.

Para Epicuro ninguém é jovem ou velho demais para dedicar-se à filosofia, a fim de atingir a “saúde da alma” (ψυχῆν υγιαιόν), tendo assim uma “vida feliz, bem aventurada” (μακαριῶς ζῆν). Insta-nos um olhar cuidadoso nesta carta para entender melhor o que propõe Epicuro.

A Carta a Meneceu se tornou um dos textos centrais da escola epicurista, uma vez que aponta não apenas à compreensão de felicidade, com uma certa riqueza de vocábulos, como apresentaremos, mas também porque estabelece o caminho a ser trilhado para alcançar esta “saúde da alma”, que leva a uma “vida bem aventurada”, que seria a finalidade última da vida e a completude da felicidade. Para Epicuro a filosofia não é um saber puramente teórico; mas, um saber que instrui a conduta humana para o bem-estar, que o conduz a uma vida “bem aventurada”, como veremos ao longo deste artigo.

II. Problemas das traduções dos termos para a compreensão de felicidade.

Toda tradução traz consigo o elemento interpretativo. Não seria diferente com a carta a Meneceu que, originariamente, foi escrita em grego, preservada para nós, especialmente por Diogenes Laertius.

Assim, as traduções que conhecemos podem dificultar a compreensão do sentido exposto pelo autor em seu “texto original”, ou o que temos de texto mais antigo em língua grega. Isso não quer dizer que se trata de uma ação intencional, mas está ligada ao próprio lidar com a língua ou mesmo com os princípios de tradução.

Gostaria de destacar alguns elementos de tradução para que pudéssemos ter uma visão panorâmica de como as traduções podem trazer uma compreensão equivocada ou, ao menos, fosca daquilo que o texto grego da Carta de Epicuro a Meneceu propõe; pois, as traduções já vêm carregada de uma interpretação do texto, trazendo o termo “feliz” para diversos vocábulos que podem enriquecer o sentido do texto proposto por Epicuro, ajudando ao leitor a perceber o caminho proposto por ele, para a realização de uma vida bem aventurada.

Lorencini e Carratore (EPICURO,2002), por exemplo, traduzem Καλως ζην̄, Μακαριως ζην̄ e Ηδέως ζην̄ como “vida feliz” a despeito dos diferentes conceitos. Mesmo considerando o contexto e a proximidade dos conceitos para discussão da vida nesta carta, uma uniformidade da tradução dificulta o entendimento do que propõe Epicuro, se não acessamos o texto em grego.

Pereira (2019) apresenta uma tradução mais próxima do texto grego em sua estrutura de linguagem, distinguindo as diversas expressões usadas no grego; em alguns momentos traduz Μακαριως, por bem-aventuraça, mas em outros momentos a expressão Μακαριως ζην̄, como vida feliz (DL,X, 128,134), já no final da carta, Pereira traduz άτυχειν, por infeliz e εύτυχειν, por feliz, mesmo compreendendo que o sucesso da atividade leva à felicidade e o fracasso à infelicidade, entendo que esta escolha da tradução do vocábulo pode não deixar clara esta ideia.

Comparando as diversas traduções (espanhol, inglês, alemão e português) em relação ao texto grego da Carta a Meneceu, percebemos que há problemas similares dificultando a compreensão de felicidade proposta pelo filósofo do jardim. Por esta razão gostaria de observar um ponto que considero central nesta discussão.

Spinelli, falando da canônica de Epicuro, referindo-se à física e à ética diz:

... uma vez que a virtude está (do ponto de vista de Epicuro) vinculada ao prazer, isto é, ao viver satisfeito e feliz, decorre então o seguinte postulado: se você não consegue ser feliz, não conseguirá ser virtuoso, simplesmente porque a felicidade é o básico (o mínimo) de que você carece para viver bem e assim realizar em si mesmo a sua condição humana.” (SPINELLI, 2013, p.44).

É bem possível que esta felicidade, da qual fala Spinelli nos textos de Epicuro, não seja o que as traduções usam por felicidade, como veremos adiante, mas a bem aventurança defendida na Carta a Meneceu.

Kenny em *Uma Nova História da Filosofia Ocidental* irá dizer: “O objetivo da filosofia de Epicuro é tornar possível a felicidade e extinguir o medo da morte, que vem a ser o maior dos obstáculos no caminho da tranquilidade.” (KENNY, 2008, p. 125).

A compreensão de felicidade em Epicuro tem sido centrada na interpretação de ευδαιμόνια (felicidade, prosperidade, riqueza) ligada aos desejos (επιθυμία) e ao prazer (ήδονή)

e não tem sido bem considerado o sentido de μακάριος, pois muitas traduções não fazem a distinção destes termos, mesmo a Carta a Meneceu fazendo a observação no seu final: “... mas viverás como um deus entre os homens.” (DL,X,135) Pois, a divindade é bem aventurada, feliz (μακάριος).

A ευδαιμονια pode ser feita, pois há coisas que podem realizá-la “... cuida, então, do que é necessário para fazer a felicidade...” (μελεταν οὖν χρῆ τὰ ποιουντα τὴν ευδαιμονίαν) (DL,X,122). ποιουντα é um participio ativo de ποιέω, que pode ser compreendida como: fazer, fabricar, executar, confeccionar.

Neste sentido, a Carta a Meneceu propõe um olhar prático de vivência real para que aconteça a felicidade na existência de quem busca a filosofia desta escola. Pois, a saúde do corpo (σώματος) e a serenidade da alma (ψυχης), que o saber filosófico permite ao sábio é que o leva a “vida bem aventurada (feliz)” (μακαρίως ζην).

Para Epicuro há um caminho a ser trilhado na existência humana para atingir o ponto alto da “bem aventurança”, como veremos adiante, que vai da *beleza*, passa pelo *desejo* e o *prazer*, chega à *felicidade* e tem como finalidade última a *bem aventurança*.

III. A felicidade e os deuses: Observações sobre a compreensão da felicidade dos deuses.

Epicuro chama a atenção do leitor da carta a Meneceu para “primeiro” (Πρωτον μὲν) considerar a divindade um “ser incorruptível² e bem aventurado, feliz”. A importância desta observação se dá pelo fato de a carta encerrar colocando como objetivo final “viver como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o ser humano que vive entre bens imortais” (DL,X,135).

Para Epicuro, “os deuses realmente são”, mas não podem ser pensados a partir de nada que venha lhes tirar a incorruptibilidade e a bem aventurança, felicidade. O problema é que muitos não se baseiam nas (προλήψεις) “prenoções, preconcepções ou noções inatas” para refletir sobre os deuses, mas em “falsas opiniões” (ὑπρολήψεις ψευδεις).

É importante ressaltar aqui que Diogenes Laertius chama a atenção ao fato de que no “*Cânon*, Epicuro afirma que nossas sensações e preconcepções e sentimentos são critérios da verdade.” (DL,X,31). Ele explica, ainda, que “por antecipação (προλήψεις) entendem uma

² Lorencini e Carratore traduzem ἄφθαρτον por imortal da mesma forma que traduzem ἀθανάτοις. Entendo que a escolha da tradução se dá pela relação de compreensão entre as duas partes do texto, contudo prefiro traduzir a;fqarton, por incorruptível. Ver EPICURO, 2002. p. 22/23 e 50/51.

espécie de capacidade de apreender ou a opinião correta, ou noção, ou concepção universal armazenada na mente.” (DL,X,33).

O conhecimento evidente dos deuses se dá pelas prenoções ou antecipações, que são abandonadas por muitos, fundamentando seu conhecimento dos deuses em falsos juízos, trazendo, assim, uma ideia equivocada das divindades.

A *prolépsis* é uma imagem mental que se forma a partir de repetições de sensações semelhantes e de sua retenção na memória, implantando-se em nossa alma naturalmente, sem intervenção do raciocínio. É uma noção geral de que pode ser chamada à mente a qualquer momento. (CHAUÍ, 2010, p.92)

Dois princípios precisam ser afirmados por fazerem parte da própria virtude dos deuses: primeiro, aceitar o que lhe é equivalente, semelhante e, segundo, rejeitar o que lhe é diferente. Podemos dizer que, para os deuses, sua incorruptibilidade os exime de qualquer perturbação, própria de seu ser; de igual modo nada pode ser inadequado à sua bem aventurança, por isso “eles são” apenas entre os iguais ou equivalentes, para que nada os tire de suas características próprias de ser. Desta forma, Epicuro fecha a possibilidade de perturbabilidade interna, provocada pelo conflito do próprio ser, bem como de uma perturbabilidade externa, causada pela presença do outro diferente, não semelhante.

A primeira das *Máximas Principais* vai deixar essa compreensão mais clara: “Aquele que é bem aventurado e incorruptível não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela cólera ou pelo favor, já que tudo isso é próprio à fraqueza” (DL,X,139).

Diogenes Laertius comenta esta primeira Máxima deixando a ideia de uma constituição dos deuses, possibilitando pensar mais concretamente sobre a divindade:

Em outra parte, ele diz que os deuses são discerníveis pela razão apenas, sendo uns distintos segundo o número, enquanto outros resultados da similitude, a partir do afluxo contínuo das imagens semelhantes que constituíram a identidade de forma humana. (DL,X,139)

Podemos afirmar, com Kany-Tupin, que “nenhum testemunho direto de Epicuro menciona a composição física dos deuses” (GIGANDET e MOREL,2011, p.190), mesmo que Cícero em seu texto sobre a *Natureza dos Deuses*, referindo-se a Epicuro diga:

Pois vedes que dizeis *que* há tanto deuses machos quanto fêmeas, como se conclui. Certamente não posso me admirar suficientemente a partir de onde aquele vosso guia [Epicuro] tenha chegado até essas opiniões. Mas não deixais de proclamar que isto deva ser conservado: que um deus é beato e imortal. O que, porém, impede que seja menos beato, se não for bípede, ou essa deve ser chamada ora beatitude ou felicidade (uma e outra absolutamente é duro, mas com o uso as palavras devem ser suavizadas por nós) na verdade aquilo, seja o que for, por que não se pode aplicar àquele sol, ou a este mundo, ou a alguma mente eterna vazia de aspecto e membros do corpo? (CÍCERO, Livro I,95).

A discussão em torno da composição física dos deuses não encontra nos textos conhecidos de Epicuro nenhuma base, a despeito de seus comentadores ou seguidores tentarem inferir alguns elementos que levem a isso. Contudo, fica claro que, para a compreensão do bem maior da vida, a felicidade, deve ser destacada a incorruptibilidade e bem aventurança. É neste sentido que Epicuro segue sua reflexão considerando o problema da morte, pois ela seria a afirmação da corruptibilidade do ser humano. Assim sendo, ela nos tiraria de uma condição análoga à condição dos deuses, perturbando-nos com sua possibilidade. Por isso Epicuro procura negar o poder de perturbabilidade da morte, sem negar a própria morte, que é condição própria da natureza humana; ele mesmo diz: “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações.” (DL,X,124).

Sendo a morte o mais terrível de todos os males para a existência humana, a consciência de que não faz sentido temê-la é um ponto de partida fundamental para se prevenir da perturbabilidade e chegar a uma vida bem aventurada, feliz.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.” (DL,X,125).

Com isso, Epicuro entende superar um problema fundamental para se chegar à condição de viver “como um deus entre os homens”, pois o medo da morte seria uma tolice, considerando que não é sua presença que causa o sofrimento, mas sua espera. Pois, desejar a imortalidade, ou seja, o acréscimo de tempo infinito, nega o que é próprio do ser humano, “a vida efêmera, mortal” (ζωης θνητόν). Vencendo o medo da morte, o ser humano elimina uma terrível “agitação, perturbação da alma”, não permitindo em sua consciência nada incompatível a seu próprio ser, como, por exemplo, o desejo da imortalidade.

IV. Os desejos, os prazeres e a felicidade.

Para Epicuro, em sua Carta a Meneceu, não há como pensar em bem aventurança, a felicidade dos deuses, sem pensar nos desejos (επιθυμία) e no prazer (ἡδονή), mesmo porque

o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade da alma, visto que esta é a finalidade da vida bem aventurada, feliz: em razão deste fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (DL,X,129).

O desejo se torna, neste contexto, o caminho a ser percorrido para chegar ao fim último que é a vida feliz, bem aventurada.

Ele divide os desejos em naturais e inúteis. Entre os naturais, há os necessários e outros “apenas naturais”. Entre os necessários, há os que são fundamentais para a felicidade (ευδαιμονία) e bem estar do corpo, e outros para a própria vida. Isso já nos mostra a complexidade e importância do desejo no contexto da felicidade; porém, Epicuro dá um passo qualitativo nesta direção, pois a busca pelo bem da alma e do corpo está diretamente ligado ao prazer, sendo esse uma necessidade que se afirma por sua ausência. É neste contexto que Epicuro diz: “É por esta razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim (αρχη και τελος) de uma vida bem aventurada, feliz (μακαρίως ζην).” (DL,X,128). Portanto, a vida que se busca, afinal, é a vida bem aventurada; porém, para chegar a ela, deve-se trilhar o caminho do desejo e do prazer.

É importante chamar a atenção, aqui, para o fato de Epicuro se referir a μακάριος, bem aventurança, e não a ευδαιμονία, felicidade, alegria. Isso reforça a importância da clareza dos termos e sentidos dados no texto que, algumas vezes, não transparecem nas traduções, especialmente na tradução portuguesa.

A compreensão de prazer e sua valoração para se alcançar uma vida bem aventurada é, para Epicuro, algo que precisa ser considerado, pois não escolhemos qualquer prazer em qualquer momento, apesar de ele ser “nosso bem primeiro e inato”. O prazer nos serve de critério para toda escolha e para toda recusa, considerando a distinção entre o prazer e a dor que nos leva ao bem. “Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza.” (DL,X,129). Isso não implica que o prazer, por si só, seria efetivação da felicidade, pois deles podem advir efeitos desagradáveis de intensidade maior que o prazer que os gerou; da mesma forma, segue a lógica da dor, pois nem toda dor deve ser evitada, se prazer maior advém depois de suportar por algum tempo a dor.

A compreensão de prazer, para Epicuro, foi ao longo da história mal compreendida, tendo ele sido visto como alguém dado aos prazeres voluptuosos e sensuais.

Na verdade, a identificação do epicurismo com a imagem de uma ética do prazer sensual foi elaborada pelos críticos helenísticos de Epicuro, particularmente pelos filósofos estoicos, cuja ética pretendia libertar os seres humanos de todo desejo e de todo prazer, graças ao controle absoluto da razão sobre a vontade e os apetites. Na perspectiva estoica, Epicuro teria sido ‘mestre do deboche’, e os epicuristas, ‘gente dos prazeres do ventre’, dissipadores que passam a vida em banquetes suntuosos, bebedeiras e fruição sexual de rapazes e raparigas. (CHAUI, 2010, p.73).

Epicuro faz questão de afirmar que o prazer, enquanto finalidade, não se refere ao prazer dos “libertinos, intemperantes” (ασωτώς), pois estes se ocupam com as “delícias dos sentidos” e não com uma caminhada que os leve a uma vida bem aventurada. Pois, ao falar em prazer,

Epicuro, não se refere às “delícias dos sentidos”, reduzindo-o a um momento, “mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações de alma.” (DL,X,131).

É neste caminho em direção da bem aventurança, da vida feliz, que Epicuro mostra o sentido do prazer para além das “delícias dos sentidos”, pois essas podem possibilitar uma “vida, existência, doce” (του ηδυν γεννα βιον), mas não encaminham por si só, para uma vida bem aventurada. Chama a atenção o fato de ser usada a palavra βιος para vida e não ζη, como é usada para os compostos de vida feliz, vida bem aventurada, vida prazerosa etc. É possível que a expressão γεννα βιος, neste contexto, queira ressaltar a vida biofísica e não a complexidade da existência, que está para além dos sentidos neuroquímicos. Apesar da vida, enquanto ζη, incluir os aspectos expressos pela biofísica, transcende estes aspectos da existência do ser humano. Isso fica mais claro quando Epicuro fala de uma “vida prazerosa” (ηδεως ζην), afirmando que a prudência (φρόνησις) faz parte desta vida.

A prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é ela que nos ensina que não existe “vida prazerosa” (ηδεως ζην) sem prudência, beleza e justiça e que não existe prudência, beleza e justiça sem prazer. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à vida prazerosa (ζην ηδεως) e a vida prazerosa (ζην ηδεως) é inseparável delas” (DL,X,132).³

Considerando que o prazer está ligado à ausência de sofrimento físico e perturbações da alma, como afirma Epicuro, ao chegarmos nesta condição, tendo aplacado toda tempestade da alma e não tendo que buscar o que nos falta, buscando tão somente o bem da alma e do corpo, estaremos satisfeitos. Por isso devemos “avaliar todos os prazeres e os sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.” (DL,X,130). Assim, a filosofia se torna uma parceira importante no processo da vida, que, pela trilha do prazer, vai em direção a uma vida bem aventurada.

V. A filosofia e a felicidade.

Epicuro inicia sua Carta a Meneceu afirmando que a filosofia está diretamente ligada à busca da saúde da alma. A filosofia aqui não é o estudo especulativo e puramente teórico de alguma coisa, alguma verdade, mas a reflexão da vida, que possibilita o bem viver.

³ Lorencini e Carrore traduzem neste texto ηδεως ζην por vida feliz e ηδεως e ζην ηδεως igualmente por felicidade, dificultando o entendimento de que o tema tratado aqui é a compreensão de prazer, uma vez que em outros contextos a expressão μακαρίως ζην é traduzida por vida feliz e ευδαιμόνια por felicidade. (EPICURO, 2002).

Para ele qualquer tempo é tempo de lidar com a reflexão sobre o bem viver, seja pois velho ou jovem; enfim, todo ser humano que vive possui o pressuposto necessário para lidar com a filosofia, afinal, dedicando-se a ela é que chegamos à felicidade (ευδαιμόνια).

Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. (DL,X,122).

Pode-se afirmar que a filosofia para Epicuro está ligada ao agir, à forma de vida ao longo de toda a existência. É fundamental a relação intrínseca entre a filosofia e o ser filósofo, porque, para Epicuro, a filosofia só terá sentido de ser ensinada se for vivenciada pelo filósofo, pois ela é a aplicação dos ensinamentos e princípios na própria vida, na concretude da existência no tempo e no espaço, incluindo todas as dimensões das relações do ser humano, consigo mesmo (autarquia), na relação com a natureza (sendo o filósofo parte dela), com os outros (amizade e vida justa) e com os deuses (viver sem medo deles). Para cada aspecto desses há uma série de elementos que não nos convém tratar aqui, pois o interesse é na compreensão da filosofia e seu sentido para a bem aventurança.

Para ele, o filosofar deve estar ligado ao bem viver na maneira mais direta e simples da vida; ele dirá: “É preciso rir ao filosofar e também administrar a casa e se servir de todas as coisas que nos são próprias, sem nunca cessar de propor as palavras da filosofia correta.” (SV,41).

Esta relação da filosofia com a vida, em uma harmonia do pensar filosófico com o agir do filósofo, fica mais clara na *Sentença Vaticana 54*, onde Epicuro diz: “Não se deve simular filosofar, mas filosofar efetivamente; pois não precisamos parecer saudáveis, mas ter saúde verdadeira”. Afinal, filosofar é buscar a saúde efetiva da alma e o bem estar do corpo, por isso, todo o conhecimento vai estar ligado a este fim, seja a física, a ética, a canônica ou qualquer outro aspecto da filosofia do Jardim. A filosofia é atividade para toda a vida, começando em qualquer momento da existência; por isso Epicuro fecha sua *Carta a Meneceu* dizendo:

Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, consigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais. (DL, X,135).

A filosofia de Epicuro é o esforço contínuo e determinado, dentro de uma sistemática específica, que considera uma teologia na qual não se nega os deuses, mas não os entende como partícipes efetivos da vivência humana; que entende a morte não como a negação do ser, mas

como parte da temporalidade da existência humana, que não causa sofrimento efetivo, mas o que causa sofrimento é a espera da morte; que o destino não é determinante nem totalmente controlado pelo ser humano, mas nos tornamos partícipes desse; que os desejos e prazeres são importantes para se chegar à vida bem aventurada, mas não é imperativo sobre a capacidade de avaliar, escolhendo ou negando o prazer; que a simplicidade da vida facilita o caminho em direção à vida bem aventurada; que a prudência é parte fundamental da sabedoria. Outros aspectos da filosofia de Epicuro são encontrados nas outras cartas e demais escritos.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? (DL, X, 133-134).

Fica claro que Epicuro ressalta os aspectos importantes de sua filosofia, convidando o leitor da Carta a refletir sobre estes aspectos que ajudam a um olhar crítico sobre a vida em busca da saúde da alma e do bem estar do corpo, podendo alcançar a bem aventurança e viver como um deus no meio dos seres humanos, que são os seus equivalentes.

VI. Conclusão: Felicidade é bem Aventurança.

A carta de Epicuro a Meneceu foi escrita para mostrar o fim último da vida como sendo a vida bem aventurada, que segue a lógica de uma teologia própria, que não nega a divindade. Apesar da discussão em torno de uma “teologia materialista” ou “idealista”, pode-se dizer que a noção dos deuses esteve sempre no ser humano, pois este conhecimento é uma *prolepsis*, portanto, inato. Com este ponto de partida, Epicuro constrói uma analogia com a condição humana, que deve assumir uma postura de vida análoga a dos deuses. Alguns aspectos são ressaltados ao longo da carta. O primeiro deles é vencer a compreensão de corruptibilidade, que se efetiva na natureza humana pela maneira que se percebe a morte como o mais aterrador de todos os males. Por isso, Epicuro propõe um outro olhar para a morte, tirando-lhe o poder de causar medo, pois ela nada significa para o ser humano, mesmo porque o que vale não é viver eternamente, mas viver feliz. Tendo vencido este primeiro obstáculo para uma vida tranquila, Epicuro apresenta o caminho a ser percorrido pelos desejos e pelo prazer, que precisam ser vistos de maneira crítica, tendo clareza dos desejos para que as escolhas e a rejeição do prazer

e da dor não desviem o ser humano de seu objetivo ou finalidade, que é uma vida bem aventurada. Ele chama a atenção, em analogia à condição dos deuses, que o ser humano deve ser “autossuficiente” (αυτάρκειαν), vivendo uma vida simples, lembrando que “tudo que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.” (DL,X,130). Com isso, não incomodará outros com desejos inúteis. É neste sentido que a prudência se torna importante, até mais que a própria filosofia, pois é dela que se originam as virtudes, sendo o ser humano a fonte de suas necessidades para o bem viver mais que o aprendizado das práticas do Jardim. Assim como os deuses, o ser humano deve estar entre os seus equivalentes ou semelhantes, vivendo entre os homens, como se fora um deus, pois teria alcançado a vida bem aventurada; uma vez que a imortalidade não é de sua natureza, deve o ser humano viver prudentemente, alimentando sua vida das virtudes, sem o medo da morte, mesmo sendo a vida efêmera. Desta forma afirmamos que a vida feliz, apresentada por Epicuro em sua *Carta a Meneceu*, é análoga à condição dos deuses, uma vida bem aventurada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: As Escolas Helenísticas*, Vol II, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CÍCERO. *Da Natureza dos Deuses I*: Tradução, introdução e notas, [Trad. Willy Paredes Soares]. João Pessoa: Editora Ideia, 2017.

EMPÍRICO, Sexto. *Contra os Gramáticos*, [Trad. Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto Brito], São Paulo: Editora UNESP, 2015.

EPICURO. *As Sentenças Vaticanas (SV)*, [Trad. João Quartin de Moraes], São Paulo: Edições Loyola, 2014.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (A Meneceu)*, [Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore], São Paulo: Editora UNESP, 2002.

EPICURO. *Máximas Principais*, [Trad. João Quartin de Moraes], 2. Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2013.

EPICURO. *Obras completas* (Epístola a Heródoto, epístola a Meneceu, Epístola a Pítocles, Máximas Capitales, Sentencias Vaticanas y Fragmentos), [Ed. e Trad. José Vara], 9. Ed. Madrid: Cátedra Letras Universales, 2012.

EPICURUS. *Letter to Menoeceus*. [Trad. Peter Saint-Andre 2011]. Disponível em: <<http://www.monadnock.net/epicurus/letter.html>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

EPIKUR. *Brief an Menoikeus* [Übersetzung: Olof Gigon]. Disponível em: <<http://www.philo.uni-saarland.de/people/analytic/strobach/alteseite/veranst/therapy/epikur.html>>. Acesso em: 11 jun 2019.

GIGANDET, Alain e MOREL, Pierre-Marie (Orgs.). *Ler Epicuro e os Epicuristas* [Trad. Edson Bini], São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HADOT, Pierre. *Elogio da Filosofia Antiga: Aula inaugural da cadeira de história do pensamento helenístico e romano, pronunciado no Collège de France, na sexta-feira, 18 de fevereiro de 1983*, [Trad. Flávio Fontenelle Loque e Louraine Oliveira], São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?*, [Edição: Marcos Marcionilo], 5. Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KENNY, Anthony. *Uma História da Filosofia Ocidental, Volume I, Filosofia Antiga*, [Trad. Carlos Alberto Bárbaro], São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LAERTIUS, Diogenes (DL). *Live of Eminent Philosophers, Books VII-X*, [English Translation by R. D. Hicks], Cambridge/London: Harvard University Press, 1931.

LAÉRCIO, Diógenes. *Livro X: Epicuro – Notas Preliminares e Tradução* [Trad. Reina Marisol Troca Pereira]. Em: *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5(2): 443-51, Jul./Dez. 2019. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/lh/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

REALE, Giovanni. *Filosofias Helenísticas e Epicurismo: História da Filosofia Grega e Romana, Vol V*, [Trad. Marcelo Perine], São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as Bases do Epicurismo*, São Paulo: Paulos, 2013.

SPINELLI, Miguel. *O Caminhos de Epicuro*, São Paulo: Edições Loyola, 2009.

XENOPHON. *Helenica Books I-IV*. [English Translation by Carleton L. Brownson], Cambridge/London: Harvard University Press, 1918.